

CARTAS DE PESQUISA: UMA POLÍTICA AFETIVA NO PESQUISAR

RESEARCH LETTERS: NA AFFECTIVE POLICY IN RESEARCH

Rafael Siqueira de Guimarães¹⁹

Herbert Proença Lopes²⁰

Luana de Oliveira²¹

Maria Laura Medeiros Bleinroth²²

Marianne Gois Barbosa²³

Rafaela Mezzomo Contessotto²⁴

Roger Alloir Alberti²⁵

Resumo: Esse artigo foi escrito por várias mãos, através de cartas que foram escritas para pessoas, sentimentos ou até mesmo para nós mesmos. Cartas que falam sobre as nossas pesquisas, mas que também projetam as nossas vivências enquanto pessoas e pesquisadores, que somos afetados – e aqui entra o conceito de afeto também – constantemente pelo nosso meio. Ao todo foram escritas sete cartas, para pessoas próximas, para o medo, para o próprio escritor e para filhas que uma das autoras não quer ter. Como resultado dessa escrita, que denominamos uma escrita afetiva, queremos mostrar que as pesquisas científicas, as teses produzidas são muito mais do que apenas metodologias e resultados, mas sim, são encontros, momentos e histórias que são escritas diariamente.

Palavras chave: cartas; pesquisas; escrita afetiva.

Abstract: This article was written by multiple hands, through letters addressed to people, emotions, or even to ourselves. The letters discuss our research but also delve our experiences as individuals and researchers. We are constantly influenced – and here the concept of affection comes into play – by our surroundings. Seven letters were written: to close ones, to fear, to the writer themselves, and to daughters of one the authors does not want to have. As a result of this expressive writing, which we call the term “affective writing”, we aim to demonstrate that scientific research, and the theses produced, are much more than just methodologies and results; they are meetings, moments, and stories written daily.

Keywords: letters; researches; affective writing

INTRODUÇÃO

Chegamos ao Psiquê devagarzinho, desde 2010 fomos nos achegando, primeiro no PPG Psicologia da Unesp Assis, pelo convívio com nosso companheiro querido, José

19 Universidade Federal de São João del Rei/Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000-0001-9864-9825>

20 Pontifícia Universidade Católica do Paraná/Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000-0003-3360-7039>

21 Faculdade Anhanguera/ Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000000189945470>

22 Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000-0002-1143-9196>

23 Faculdade de Iheús/Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0009-0003-7865-4266>

24 Uniguairacá/ Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000-0001-5125-0171>

25 Unimed Ponta Grossa/ Unesp campus Assis. <https://orcid.org/0000-0002-4695-581X>

Sterza Justo. Em seguida, fomos nos conhecendo, interagindo e estamos efetivamente desde 2019 como parte deste potente grupo de pesquisa.

Decidimos, a partir de nossa política de uma escrita afetiva, formar parte desta história registrada em artigo por meio de cartas sobre o que pesquisamos.

Agradecemos e compomos!

Maceió, 24 de julho de 2023

Tia Marilda,

Desde que voltei a fincar meus pés na minha cidade natal, sinto-me inteiramente atravessada pelo desejo de lhe escrever. Ontem, ao espalhar sob minha pele o perfume que costumava usar quando meus pés estavam enraizados em sua casa, este desejo se tornou mais intenso pela essência exalada, pois tão rapidamente me senti conduzida pelas minhas memórias ao espaço – mesmo que imaginário – deste lugar que se tornou meu lar. Senti como se fosse uma daquelas tardes frias que meu corpo nordestino não estava habituado, mas que encontrava acalento imediato no casaco de tricô feito pelas suas sábias mãos. O cheiro do café e do pão caseiro quentinho se irradiava por entre os cômodos da casa em uma mistura certa que despertava a sensação de pertencimento a este lugar recém conhecido. Como se já fosse um costume de outrora, eu seguia em direção a mesa da cozinha, me esparramava na cadeira, onde perdíamos a noção do tempo e nos deixávamos embalar pelas conversas da mais alta qualidade.

Despretensiosamente, a senhora avivava em sua oralidade o conhecimento abundante habitado em seu corpo, que, mesmo diante de tamanha grandiosidade presenciada por todos os meus sentidos, o seu pouco tempo de ensino dentro da sala de aula se tornou pretexto para tentarem lhe encolher. Quanto mais tentaram, mais a senhora se lançou através das sabedorias das suas mãos e se aprofundou nos seus processos de saber-fazer; através dos saberes que são itinerantes dentro do seu mais íntimo e externalizados pelo fazer das suas mãos e do que passa a existir através delas, como certa vez me soprou em palavras escritas Nelly Dollis (2018). São saberes-fazeres que existem a partir dos gestos e movimentos cotidianos do cozinhar, cortar, costurar, bordar, cuidar e tantos outros verbos que a senhora conjuga na experiência com a maestria de suas mãos primorosas. São saberes e sabedorias que transcorrem por entre seus dedos, movidos pela força advinda do seu coração e do afeto que se sobressai como potencializador de todo o seu conhecimento. Patrício Arias (2010) chama isso de corazonar, uma inundação afetiva que nutre formas de pensar, sentir e agir consonantes ao coração.

Sabe, tia, do espaço endurecido que, por vezes, é a universidade, nossos corpos são expulsos e não são vistos como fontes de sementeira, apenas a mente se torna a via por excelência do ensinamento e da aprendizagem, essa também é a sensação de bell hooks (2020). Nos encontros que acontecem fora de seus muros, como os que a senhora me ofertou no espaço íntimo de sua casa, cabem tantas sutilezas que irrompem a significância das outras vias de conhecimento, as que não são escritas em

palavras estáticas ou reproduzidas verbalmente de modo mecânico, mas, ao contrário, encontram nas artes, nas mãos, nos sentidos e nas brechas outros modos de existir, fecundar, gestar e transmitir conhecimentos. O meu percurso no doutorado, o mesmo que fez com que eu me unisse à sua presença diária em sua casa, como graça do destino devido a universidade se situar na cidade vizinha a sua, tem me feito aprofundar ainda mais em conhecimentos que são dançantes, que nos atravessam, nos afetam e nos preenchem de vida pelos sentidos. Por isso lhe escrevo, tia, por sentir a abundância dos seus coraçonamentos ressoados em nossos encontros e toda a potência existente neles, aguçando meus sentidos e alcançando as minhas entranhas.

Meu corpo, tão curvado e franzino, passou por um processo de regeneração e se sente mais dançante e vibrante ao tomar para si as suas palavras, sobretudo as de encorajamento e sabedorias. Sinto-me atravessada por uma energia que percorre cada ínfimo espaço que me constitui, causando-me uma sensação de desatino que me faz vibrar por dentro, mesmo que eu esteja em inércia a quem enxerga a olho nu. Essa dança me aproxima da senhora e das outras mulheres anciãs da minha vida – estas que já me acompanham há algum tempo na escrita e na vida. Cada uma em seu ritmo, com movimentos diversos e singulares, me contemplam como herdeira de seus ensinamentos, enquanto realçam, em comum, os saberes entremeados pelas suas mãos. Tenho escrito e pesquisado através desse dançar embalado por palavras oralizadas e, sobretudo, pelas grafias das manualidades. Por gestos sutis e generosos que guardam mais do que cotidianidades, em que contemplam significados e inscrições de uma vida inteira e acontecem nas brechas, no existir. Saberes que compõem seus corpos, são aguçados pelos sentidos e, ao nos atizar para suas existências, nos direcionam por outros percursos, menos engessados, doídos e frios. Vibrantes. Antônio bispo (Dornelles, 2021), uma das pessoas que me inspira a torcer o engessamento do meio que estou situada, fala justamente sobre esses saberes que a senhora me transmitiu, os quais tenho ficado em vigilância com o coração para não me escapar de conhecê-los. São saberes orgânicos, sabedorias repletas de vida, que existem nas experiências e nas tenuidades cotidianas do ser.

Em meio as nossas tantas conversas, compartilhamos conhecimentos a respeito dos meus passos de pesquisadora e o meu encontro com bordadeiras, assim como a senhora. Tenho aprendido com as artes dessas mulheres – e as suas – que é possível construir mundos e outras perspectivas de existência com linha, agulha e tecido, estando em coletivo com outras mulheres e tecendo outros processos de subjetivações. São mulheres que contam vida em anos há mais de 60 voltas ao sol, e, na contramão dos lugares que a sociedade institui para elas à medida que envelhecem – com a tentativa de invisibilizar as tramas de suas vidas –, eu encontro com bordadeiras que estão tecendo novas narrativas sobre si, sobre seus espaços, suas vivências e seus processos de envelhecimentos. Essas mulheres ressoam, de modos plurais em suas realidades, movimentos de fissuras, agência, autonomia, emancipação e resistência. Semelhante ao que as vivências da senhora me ofertaram, essas mulheres bordadeiras me permitem avistar e contemplar seus diferentes processos de subjetivação e modos de existir, bem como de produzir e compartilhar saberes que são fertilizados por suas mãos, pelos seus bordados. Me

aproximo da prática do bordado, em minha pesquisa, através da compreensão de sua potência de vida, em que cabem escritas, memórias, histórias e subjetividades plurais, aterradas em territórios singulares e inscritas em diferentes tecidos a partir do vai e vem das mãos. Essa inserção da agulha e linha no tecido comporta também a transposição de saberes e sabedorias que povoam os corpos dessas sujeitas.

Assim, tia, lhe escrevo para dizer o quanto que as suas sabedorias e a sua existência atravessam meu corpo na minha/nossa pesquisa e o quanto a senhora é imprescindível para a sua composição. Não apenas por me agraciar com o pertencer a sua casa nesse momento, mas por bordar em mim outros mundos, com conhecimentos orgânicos e repletos de vida, que me conduzem a bordar uma psicologia menos endurecida e normatizada e a tecer, pelos fios do meu coração, uma prática orgânica e dançante, como a sua. Me despeço momentaneamente com o sentimento de felicidade ao sentir firmemente o laço que tecemos juntas, em nossas distintas idades – muitas vezes premissa para as pessoas pensarem que seríamos avó e neta –, mas que, com certeza, trazem nossa cumplicidade entre gerações. Sigo em alerta, sobretudo, a esse entre que existe em nós e a às danças que a senhora permite embalar dentro de mim.

Sua sobrinha que tanto lhe ama,
Maria Laura.
Andirá, 21 de julho de 2023

OI NARA,

Como você está? Eu estou bem! Sabe Nara, escrever uma carta, é algo que eu não faço há anos; escrever para você, uma professora e uma pessoa especial é algo que eu não imaginava que faria um dia. É daquelas surpresas boas que a vida nos prega. Decidi fazer esse momento como algo nosso mesmo, coloquei uma música suave, me desliguei do celular, para tentar me conectar ao máximo contigo. Para tentar conversar.

Nos conhecemos há mais de um ano, desde que eu comecei a atender como psicóloga no asilo que você mora. Você concordou de participar de poucos atendimentos comigo nesse período, você adora conversar no seu quarto, mas evita ir à sala de atendimento. Nesses momentos que estivemos juntas percebi às vezes uma insegurança, principalmente quando você me falava que não gostava mais de se olhar no espelho, insegurança com as rugas, com o corpo que envelheceu. Sabe Nara, insegurança é um sentimento que vem me acompanhando nos últimos tempos, estar no doutorado sempre foi um sonho. Acredito que por ser um sonho, eu não achava que iria conseguir realizá-lo e depois de anos tentando, eu consegui. Eu sinto muita alegria, mas também, muita insegurança, aqueles pensamentos “será que estou fazendo certo?”, “eu vou conseguir?” eles me perseguiram muito e, confesso, ainda perseguem.

Hoje eu estou em um novo desafio, tentar te contar por carta o que eu pretendo estudar na minha pesquisa. Eu entrei no doutorado em 2021, no início eu tinha como

ideia estudar crianças e adolescente em exploração sexual, algumas pessoas ainda falam prostituição infantil. Mas é um tema que eu percebi que cheguei no meu limite, não tinha mais como continuar. E as inseguranças vieram... com tudo! Como eu falei antes, faz mais de um ano que eu sou psicóloga no asilo. E de certa maneira toda a semana que eu vou aí, eu me sinto atravessada pelas histórias de vocês, por esse espaço que até o tempo passa diferente, passa mais lento, sem pressa.

Com isso, recentemente eu decidi mudar a minha pesquisa, a minha tese agora será entender a história do asilo, a partir da vivência sua e de mais alguns idosos. Contar essa história não a partir do que eu ver nos documentos, mas como vocês percebem. Acredito que vocês são os mais qualificados a me ajudar nesse processo, de me contar como vocês veem o asilo, inclusive você que já mora nesse lugar há 17 anos. E participou da mudança estrutural do prédio, da mudança de gestão, de cuidadores e das passagens de diversos moradores.

Lembro que você me contou, que o Dr. Adirson tinha convidado você para ir morar no asilo, um antigo médico e diretor da instituição, porque na época você estava deprimida, ficava andando pelas ruas, você ainda não tinha sessenta anos, mas provavelmente pela falta de políticas públicas ou do apoio familiar, concordou em se mudar. E ali você fez o seu novo lugar, construiu uma nova história. Hoje você adora ajudar nas atividades do Lar, no Centro de Convivência do Idoso - CCI e de ver uma novela!

Nara, pensar em como vocês iriam contar a história do asilo e como vocês percebem ele também é difícil, porque na academia nós temos que escolher a metodologia para isso. Em conversa com o meu orientador, escolhemos a metodologia da Entrevista Narrativa. Essa seria uma forma de você me contar, através de várias conversas sobre o asilo. Eu li uma frase que diz assim “sem escuta há o apagamento do eu” (Baldin, 2016), realizar essa pesquisa, ouvir você e fazer vocês serem protagonistas dessa pesquisa, é uma forma de também eternizar vocês.

Gosto da ideia de pensar a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, não focando apenas nas informações, mas sim onde as suas experiências, a sua vida será transmitida (Benjamin, 1987) e eu vou tentar capturar e transformar isso em palavras. Não será uma entrevista, pois não ficarei fazendo várias perguntas, mas sim apenas propor um tema para você falar (Ravagnoli, 2018), claro, o tema será o asilo. Para ser uma entrevista narrativa, eu vou precisar gravar as nossas conversas e deixar você falar livremente, sem ficar interrompendo. Também, após esse nosso encontro, eu vou ter que transcrever toda a nossa conversa. Eu esqueci de falar, mas além de você vou entrevistar mais quatro idosos que moram no asilo, pessoas que como você, já estão há anos morando nesse local.

Quando comecei a ler sobre o assunto da velhice eu me surpreendi, primeiro porque a população brasileira envelheceu muito, você sabia que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, sobre o envelhecimento populacional, entre 2012 e 2021, houve um salto na parcela de pessoas idosas no Brasil que passou de 11,3% para 14,7% da população. Isso significa que as pessoas idosas passaram de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% no período (IBGE, 2022). É realmente um número

muito alto! Mas eu percebo que a nossa sociedade ainda não está preparada para isso, as famílias não estão organizadas, na própria psicologia, são poucos materiais publicados. Sim, nós de certa forma percebemos a realidade, mas rejeitamos (Baldin, 2016) Asilar, é muitas vezes visto como como isolar, mas essa pesquisa quer ao contrário, quero valorizar vocês e as suas histórias.

Valorizar você que era professora e já tanto ensinou e me ensina sempre. Encerro essa carta com uma oração que em um dos atendimentos você ditou para mim, a qual eu anotei num papel e hoje está colada na minha geladeira, para assim eternizar mais um ensinamento seu:

“Conserve o seu coração livre da ansiedade

Viva simplesmente. Espero pouco e dê muito

Encha sua vida com amor. Espalhe luz

Esqueça-se e pense no outros. Faça o que gostaria que lhe fizessem

Critique seus próprios atos, fazendo cuidadoso exame nas suas ações diária”

Um abraço, que você permita que tenhamos novos encontros para eu continuar aprendendo com você!

Com carinho, Luana de Oliveira.

UMA CARTA PARA E SOBRE MIM

No mar e no amar da dança, eu pesquei alguns sentimentos ao longo desses tempos, que me trouxeram de volta no alento do próprio andar. Na pelenga da vida, me desabrochei e trouxe comigo sentires que eu, sinceramente, não tinha ideia da existência. Foi nessa caminhada, confusa, torta, incerta e estreita que me realoquei, e hoje, através da escrita, grito num som áspero e sutil ao mesmo tempo, para o meu próprio eu do passado.

Caro Roger, sei que nossas ideias pareciam turvas, não lineares e opacas. Não tinha como ser diferente. Nós construímos algumas pontes, fechamos outras, nos aliamos, realinhamos e prosperamos juntos, ao mesmo tempo que em um tempo-espaco era difícil darmos conta de sermos quem somos. Seu interesse pela escrita acontece na medida em que você compreende seu lugar, sua proposta e seu enredo, e depois de um período crítico entre ser quem quer e ser quem o outro quer, você retomou um lugar importante que é a da própria existência, a sua retomada enquanto potência de si.

A escrita perpassou muitos espaços, e numa dessas propostas, sua dissertação aconteceu através de momentos importantes como nos dos dias frios em que tomamos chimarrão, comemos bolo de fubá e sentamos na varanda de flores com seus avós. Dias, tardes e noites, em que, em um “mate” e outro, você e eles falavam sobre as vivências dos “peões” indígenas que ajudavam na lavoura do tal senhor vizinho já falecido. Foi ali, na dança do mate com a varanda que cartografamos sentires vivos e potentes, que reverberam nas minhas andanças até hoje.

E nas fronteiras do tato e do inato, revejo minha ancestralidade como parte fundamental dessa experiência com e entre meus avós. Nas conversas com meu pai,

minha bisa indígena, filha de mãe natureza, segue seu fluxo, casando com senhor coronel, que na época era um tal referência para a cidade de alguns habitantes. Não tem como ter a ciência da veracidade dos sentires dessas mulheres, mas a ideia do “laçar a mulher” vem de uma composição patriarcal que reverbera até os dias atuais. A autora Simonian (1994) já relata essa construção de uma prática violenta de “captura” entre um homem branco para uma mulher indígena, sendo esta, parte fundamental do processo colonial de demarcação territorial, com a premissa de uma narrativa enquanto “alvo preferencial” (p.106) por serem mais vulneráveis.

Não temos muitas informações sobre a vivência de minha bisa, tampouco relatos específicos que fomentem alguma narrativa hostil frente a relação que ela mantinha, o que se tem é a ideia sobre notas históricas que são repassadas geracionalmente que perpassam sobretudo as relações de poder que foram estabelecidas ao longo da história, entre os povos originários e os brancos. Estas relações são entrelaçadas com outras tantas demarcações, entre raça, etnia, gênero e sexualidade (Lugones, 2014). Na escrita de Estevão R. Fernandes “Existe índio gay?” (2017), por exemplo, o autor remonta uma narrativa sobre a ideia da heterossexualização enquanto uma forma opressiva colonial e dogmática, imposta pelas instituições para com os indígenas, imergindo cada vez mais o paradigma do pecado e da patologia nas relações entre os mesmos.

E foi nas linhas/caminhadas de Tibira, no qual Mott (1995) ressalta sobre a história do primeiro indígena gay que se tem registrado no Brasil e que foi morto, lançado pela boca de um canhão no Maranhão, que construo a proposta de se pensar o lugar das potencia de si com e entre os coletivos ativistas que emergem na aliança do reconhecer desse lugar de afeto, de fronteira, de subalternidade e marginalidade, decoloniz(ando) as monoculturas, o marco temporal e as despolíticas de direita que devastaram as florestas brasileiras, em épocas turbulentas bolsonaristas alinhados ao contexto pandêmico.

----- Solitude -----

Do turvo ao sujeito fronteira, des-viado, contra a colonialidade de gênero, do CISTema. Houve um tempo em que era peso, pesava ser, apesar de, não pensar. Foi nas trincheiras desse ateliê, que costurei vivências com gente boa. Foi daqui e dali que surgiu mais de mim, mais de criação e menos doutro e sobre o outro. E mesmo que, para as histórias dos meus avós sobre os colegas peões, carregadas de narrativas cristalizadas esbranquiçadas, seja de certo modo, deturpada pela promessa de uma vida boa, pensar sobre esse lugar, me reconstrói enquanto sujeito inquietante, subalterno e distante da normativa hegemônica e romântica.

Nas sazonalidades emocionais, em um amor pequenez, nos saborosos dias de sol, nos engendramentos e nas danças de um corpo coreográfico, vou respirando outros modos de ser e estar no mundo, vivendo minha diferença, andando por outros cantos, daqui e dali, donde o sol bate, donde o samba cresce, nas vicissitudes da vida, entre o ser e o descer, onde eu possa enfim, sempre nascer (se precisar) de novo e de novo.

Com amor, Roger.

Londrina, 24 de julho de 2023

AO MEDO,

Você, tão amplo e múltiplo destinatário. Pensei de chamá-lo “meu medo” pelo tanto que me acompanha, pela quantidade de trocas cotidianas que temos, pelos pequenos detalhes que você conhece, pelos exatos nomes e cutucões precisos que consegue dar em mim. Mas, medo, você não é meu; não é propriedade particular, nem um individual estado emocional, mesmo que nossos encontros sejam singulares. Sei também da sua dimensão panorâmica, da sua capilaridade política, da sua produção fabril, das suas múltiplas facetas. Além disso, te escrevo porque reconheço que por onde você anda, entre o controle e a liberdade, o feitiço e o encantamento, nos encontramos às vezes. Esse encontro é algo complexo, percebo. Enigma, posicionalidade, mutação, atravessamentos.

Lembro, certa vez, uma conversa com amigos de pós-graduação. Ah, como são importantes as trocas que nos tiram de uma pira de vaidades individualistas, né?! Nessa conversa, percebi que eles sentiam medos que eu conhecia também. Medo de criar ideias, de escrever seus textos-pesquisas, de produzir conhecimento, de assumir posicionamentos na universidade. Lidavam, como eu, com o medo sobre a legitimidade de suas ideias e de si mesmos, como porta-vozes. Logo essas pessoas que tinham ideias e posições que me encantava! Eles sentiam inseguranças, como eu... Não por acaso, esses amigos experimentavam não somente o medo, mas vivências de corporalidades que carregavam marcadores sociais raciais, de gênero e sexualidade e sentiam-se atravessados por um sentimento de não-lugar, como corpos que não podem produzir conhecimento, como já gritou Grada Kilomba (2015) ao falar do seu próprio medo de escrever. Medo porque, como muitas pessoas, desobedeciam ao projeto colonial de dominação – ousaram ocupar lugares e ideias não permitidas, por ser próprio desse projeto a perpetuação de um domínio excludente. Ao retomar a memória dos meus amigos, penso em como estas e outras histórias se cruzam, nos cruzam em contextos diversos... Não são individuais, mas costuradas por dimensões que, sim, vividas de modo pessoal e isso tudo me inspira a teorizar com aquilo que Glória Anzaldúa chamou de autohistória (2000a).

Aconteceu de entrar no doutorado. Bom, você sabe, entrei para fazer uma pesquisa com arte, sobre resistência e subjetivação, sobre lutas políticas e existências desviantes, entre outras piras. E, olha só, encontrei pessoas e linhas de pesquisa e movimentos acadêmicos que bancam propostas como essa, cultivam dissidências da forma de fazer ciência que me formam e deformam, também. A universidade não é uma coisa só, assim como nada é; nem você, medo, nem eu.

Tenho aprendido que o método se faz no caminho. E ter medo, sem um mapa, é outra coisa. Por isso, te escrevo. Assim se faz essa pesquisa, interessada no corpo e no que ele pensa e sente. Não pesquisar sobre o corpo, mas com o corpo. Fazer o corpo entrar na roda, para gingar – esse modo-movimento tão cultivado em espaços de resistência. No concreto ou na metáfora, gingar é produzir outra lógica de movimento. Na roda, deve-se cuidar de como se entra, como se pisa. Pede licença pra entrar. Pisa devagarinho. Pés que criam conhecimentos que são relativos não somente ao corpo, mas aos chãos todos onde se pisa. Tornar em pés-pectivas as perspectivas de conhecer, sem cometer violências epistêmicas – contra quem quer que seja, até consigo/comigo mesmo.

No mestrado, vivi uma experiência que me marcou um modo de pé-pensar – ou de produção de conhecimento, para dizer em outros termos. A proposta foi acompanhar um processo de criação teatral vivenciado junto a um coletivo de ativismo trans e travesti na cidade do Londrina, no Paraná. Essa experiência permitiu existir lugares fronteiriços entre psicólogo, ator, pesquisador, ativista, produtor cultural, professor, bicha, pessoa que sonha, que luta, que cansa. Essa experiência também acompanhou, no tempo da pesquisa, uma série de processos que aconteceram na cidade, processos instituintes importantes dos movimentos lgbtqia+ e cultural da cidade. Participar com o coletivo deste processo “fazendo arte” da maneira mais desobediente que conseguimos, nos reposicionou. Deu lugar a muito do que queríamos falar/ fazer/ atuar. Dentre as dores e delícias, possibilitou a produção de outras posições subjetivas em relação às experiências de que cada um trazia – incluindo a mim mesmo. Provocou deslocamentos de uma condição monstro-atribuída para uma posição monstro-afirmada: uma operação cuir

Apreendi com minhas amigas de teatro que, naquele momento, naquela situação, fazer teatro nos “curava”, e essa ideia pode ser entendida aqui como a criação de outros modos de existência. Tudo misturado num caldo de composição artístico onde vida e obra se assumem e se afirmam misturados – como na ideia de “vidobra”, discutida por Rafael Siqueira de Guimarães e Cleber Braga (2019). Vida e obra, estas dimensões manchadas. Muito têm se gerado desse caldo, olhando os movimentos rizomáticos de criação de artes e vidas. Isso não é novo, mas que experimenta a partir da emergência de outro tipo de visibilidade – e trazendo a afirmatividade os lugares de dissidência – outra operação cuir.

Me interessa o quanto que esses cultivos questionam fazeres artísticos tomados por regimes de saber coloniais – ditando o que é arte, como e quem faz isso. Me interessa pesquisar enquanto fazer, e produzir arte – não em seus modos canônicos, institucionais, que exigem certa inteligibilidade e certa visibilidade. Me interessa fazeres de arte que nem precisam ser nomeados como tal, mas que servem de ar pra respirar para corpos que utilizam de criação insistente de formas e formas de vida, das recusas constantes de normativas sobre seus fazeres, corpos, desejos e etc.

Reconheço, medo, o quanto isso me pega. O quanto colocar o corpo para ser arte-cartografado gera inseguranças. O quanto pesquisar de forma assumidamente performativa coloca você em cena, te convoca para o elenco desta tessitura. Por isso te escrevo, para acolher você. Para desobedecer a uma ordem epistêmica, precisamos aprontar, “fazer arte”. Criar territórios de existência onde podemos nos refugiar, criar formas de ecologias cosmopoéticas, como imaginadas por Dénètem Touam Bona (2020).

Escrevo-te porque, assim como Gloria Anzaldúa (2000b), tenho medo de escrever, mas mais medo de não escrever. Tenho medo de ocupar a academia fazendo arte-desse-tipo. Medo maior ainda, de não fazer isso. Porque esse modo aí... não nos basta!

Com carinho,
Herbert de Proença Lopes

CARTA ABERTA ÀS FILHAS QUE NÃO QUERO TER

Itacaré, 18 de julho de 2023

A tarde está linda hoje nas margens do Rio de Contas. Eu gosto de avistar as paisagens e encontrar bonitezas. Nem tanto pelo óbvio do céu azul que se encontra no horizonte com o tom do mar compondo com os verdes das árvores. Reparo nas outras cores que dão vida a este território. 29° amenos para um dia de inverno no litoral sul baiano. As sensações corporais são aprazíveis, exceto pelo tanto de trabalho. No entanto, já que muito trabalho tenho, a geografia do dia me assossegou. Recebi o convite para escrever esta carta endereçada a quem eu quisesse contar sobre a minha pesquisa de doutorado no programa de Psicologia e Sociedade justo no dia em que fui atravessada pelas forças das emoções que a pergunta de uma paciente criança produziu em mim. “Você não é mãe, Mari?”. Me perguntou surpresa ao perceber que sua convicção de eu ser “muito dedicada ao trabalho” tinha relação com a maternidade ser parte de sua história encenada nas sessões de terapia.

Acompanhada por incômodos e um tanto de raiva pelos rumos daquele diálogo me encontrei surpresa tal qual la ñina. A ideia de ser mãe atrelada ao trabalho me dá raiva. E a minha pesquisa é um tanto sobre a história que inventaram para mim antes mesmo de eu me fazer qualquer coisa no mundo. Tenho vivido algumas contradições que as relações precárias de trabalhos múltiplos proporcionam ao meu corpo mestizo (Anzaldúa, 2016). Minha existência não se fixa à semiótica hegemônica, mas de algum modo experiencio e produzo em acordo com ela. Atuar como psicóloga, docente, artista, intelectual, acadêmica para mim é um arranjo contracolonial. Entendi o que Castiel Vitorino Brasileiro (2022) propõe com a sua obra Corpoflor. Ao afirmar que não se trata de uma ação em resistência a colonialidade, mas que a modernidade é quem resiste às experiências de vidas que afirmam estéticas dançantes, mandigadas, reboladas, gingadas, caquiadas inscreve novas aberturas em mim.

Venho pensado, até aqui, a minha pesquisa como um modo de fazer possível e menos violento as minhas diversas experiências em muitos contextos institucionais/institucionalizados ou não – e para tanto apostei nos movimentos dançados. As aberturas que a conexão com o projeto Corpoflor inscreveram em mim trata-se de um giro, uma nova mirada. O meu trabalho com a pesquisa lembrou a mim mesma que esse corpo já se inaugurou na vida pela dança. Chego ao mundo caquiando. Caquiar é essa palavra bonita que o povo paraense usa para qualificar um movimento enfeitado. Aquele mesmo movimento que pode ser feito, produzido, reproduzido com técnica e dureza é possível para alguns corpos a partir da brincadeira, brincadeira esta impossível de definir numa semântica universalizada. A brincadeira da qual trato aqui é uma produção singular que será possível para cada corpo que se encanta com a possibilidade de reverberar a sua história quando dança.

A feitura de uma pesquisa e escrita acadêmicas dançadas com danças que possibilitam ao meu corpo a ruptura com uma lógica de produção de conhecimento que me entristece e adocece retoma em mim a importância de ocupar espaços que historicamente foram negados às pessoas subalternizadas. Pessoas negras, indígenas, lésbicas, travestis,

gordas, gays, nordestinas, e tantos outros agrupamentos que não se encontram na minoria homem-branco-euro-cristão-moderno-ocidental-cisheterossexual. As universidades são espaços onde as diferenças existem, ainda que com a pretensa produção moderna de conhecimento se dizer universal. É fato que as diferenças nesses espaços são, em sua maioria, entre corpos brancos, heterossexuais, e com um certo recorte de classe que pouco incorpora as pessoas que na divisão social do trabalho executam trabalhos subalternizados. Por tal motivo foi para mim uma tarefa bonita lembrar que não devo resistir/reexistir nesse espaço e conseqüentemente em outros. A minha tarefa é viver-dançar. Produzir vida para além de respostas as políticas de morte. Saber-fazer psicologia, pesquisa, educação, arte como inscrições de meu corpo nos mundos desde danças que vivi em cirandas de mulheres distintas, mulheres de cores distintas, saberes distintos e culturas distintas que compõem o território tupinambá sul baiano.

Senti raiva com a associação da maternidade ao trabalho e por isso escrevo às filhas que não quero ter para lembrar a mim mesma os porquês da minha pesquisa. Eu sou curiosa e tenho coisas importantes a dizer. Senti raiva, pois ainda tenho dúvidas se quero gestar uma pessoa e o trabalho tal qual eu vi as mulheres da minha família fazerem eram duros, pouco caquiados e em algum momento essa compreensão me fez decidir que não quero ser essa mulhermãe. Senti raiva pois a minha decisão de não ser mãe se endureceu no rancor suposto feminista de não me conformar com a história de mulher que o patriarcado escreveu para mim. Senti raiva porque algumas vezes eu faço acordos com a semiótica hegemônica que me capturam os desejos de uma vida mais vibrante, engano a mim mesma ao acreditar que trabalhar muito vai me dar estruturas – seja a nível emocional, de produção de pensamento, de qualidade intuitiva/espiritual, e de fisicalidade – importantes para que seja gente. As raivas deram passagens para a brincadeira. Dancei com ela como eu dançava moleca. Só rebolei.

Eu mantenho a decisão de não querer ter filhos. Não há de fazer sentido para mim essa lógica de propriedade privada sobre outros corpos que nasce com o advento do capitalismo e que, atrelado às noções de patriarcado (Segato, 2012) e de antropoceno (Krenak, 2021), colocou o homem branco ocidental como conquistador/possuidor de outros corpos, incluso aqui os corpos não humanos. Mantenho ainda a decisão de não gestar outra pessoa, agora tranquila, por não criar uma força resistente aos desejos distintos em seus fins coexistindo em meu corpo. Mantenho a decisão de não ser a mãe das mulheres pelas quais tenho amor. Essa é a minha aliança de amor comigo mesma e com nosotras, pacientes, alunas, namoradas, amigas, companheiras de ativismos, irmãs, mainha e vovó. Ainda que eu queira vez ou outra experimentar a maternidade entre nós me deixa criar outros jeitos de cuidar. Jeitos não relacionados com a ideia de maternidade que no contexto da relação com a dedicação ao trabalho é apenas mais uma ressonância da modernidade que tanto nos explora a nós mulheres.

Assim, a pesquisa que proponho em modo de acontecimento inventivo são ações minhas no mundo. Afirmações da minha vida que se compõem em coletivo, mesmo com todo esforço das instituições hegemônicas e normativas circundantes por todo canto de me deixar acessar alguns espaços desde que eu apague em mim o que há de preto, de vermelho, de sapatão, de periférica. Portanto, ocuparei os espaços com o som

dos tambores, atabaques, cuicas para rebolar o carimbó, o samba de roda, o pagodão baiano que as mulheres da periferia das cidades suingam. Chegarei junto de galera, grupelho ou em bando e me farei às vezes ponte, às vezes banco de areia, às vezes ilha para mandigar os plurais modos de perambular das culturas das quais faço parte e me compõem, como diz Anzaldúa (2021), quando eu quiser.

Com carinho e atrevimento,
Mari Gois.

PARA MINHA LÍNGUA AFIADA!

Guarapuava, 20 de julho de 2023

É noite, não tem feito muito frio esses últimos dias, algo atípico aqui no centro-oeste do Paraná, cidade que até já nevou, mas o calor tem se intensificado mais e mais e cada ano os dias de inverno são mais quentes. Este clima me faz pensar em como é gostoso o cuidado que pessoas dedicam a nós, aquele cheirinho de café pronto, aquele pãozinho fresquinho de manhã quando acordamos, a mesa do almoço e do jantar postas quando chegamos do trabalho ou das aulas, aquela atenção quando estamos doentes, chazinhos, remédios e aquele abraço que nos acolhe nos dias difíceis ou palavras carinhosas diante de algum desafio ou algum momento de ansiedade. Porém quando penso mais a fundo, reconheço que infelizmente nem todas as pessoas recebem esses cuidados, principalmente aquelas a quem é colocado o fardo de responsáveis por essas tarefas, as mulheres! Em meio a penumbra, escrevendo sobre meu tema de pesquisa que são os cuidados no ocidente e seu caráter exploratório, me deparo com lembranças das minhas avós, mãe, tias, irmãs, amigas, conhecidas, interlocutoras, confidentes, trabalhadoras domésticas, donas de casa que dedicaram seu tempo e seus corpos aos cuidados, que pararam qualquer coisa que estavam fazendo para atender a demanda de outra pessoa sem que fosse sua vontade e ser subjugada e confinada a um lugar desvalorizado aplicado pela divisão sexual do trabalho no capitalismo.

Ontem fiquei sabendo que uma mulher muito querida por mim se sente desvalorizada pelos filhos, aqueles filhos por quem sempre se dedicou a cuidar e hoje têm bons empregos, viajam e continuam explorando o seu trabalho de cuidado e que são subjetivados e privilegiados pelas normativas ocidentais brancas e heteropatriarcais! Um deles tem a audácia de exigir dela que lave e passe suas roupas para que ele busque no final do dia e não precise se preocupar com isso, sem nenhum pagamento, nenhuma contrapartida de cuidado e respeito. Senti um ódio enorme! Por isso escrevo esta carta invocando você língua afiada para me ajudar a dar conta deste sentimento de modo em que a revolta apareça, revolta esta que deve se estender ao mundo todo que pensa que nós, mulheres devemos servir aos homens e que cuidar é coisa de mulher em sentido depreciativo. Já dizia Cusicanqui (2021) coisa de mulher é alta política e alta filosofia e o cuidado pode ser uma potência revolucionária, uma sabedoria capaz de tornar o mundo melhor para todas as pessoas. Pensamos melhorias no mundo desde nossas cozinhas e nossos afetos.

Os motins já estão formados para virar a chave desse modo que a sociedade concebe o cuidado. Nós mulheres sempre trabalhamos, ao contrário do que a história possa contar, não começamos a trabalhar quando ocupamos espaços no mercado de trabalho, trabalho visível para a economia formal, pois sempre estivemos nos bastidores sustentando o sistema capitalista e neoliberal. É como Marçal (2017) expõe, ao perguntar quem era a mãe de Adam Smith? Saber como o jantar chega as nossas mesas, como o cheiro de café e o pão quentinho nos acordam de manhã parece simples, mas é uma questão muito importante para a economia, pois as mulheres trocaram de emprego e estão submetidas a duplas e triplas jornadas exaustivas, já que o contrário não ocorreu, os homens não foram trabalhar em casa, não aprenderam a cuidar, e apenas a eles é dado o direito de conduzir seus desejos de modo pessoal. Às mulheres é submetida a tarefa de “pensar na família”, com toda sociedade dizendo como devem viver suas vidas.

Pensar nessa mulher que está se sentindo desvalorizada me faz sentir uma vontade imensa de socar a cara de seu filho, e de todos os homens exploradores e abusadores, mas prefiro usar a língua, pois como diz Anzaldúa (2009), uma língua afiada, selvagem não pode ser domada e sim decepada. Então eu desafio a virem decepar minha língua enquanto me alio a potências de mulheres de Abya Yala, produtoras de saberes coletivos e comunais que fazem uma subversão feminista da economia ao colocar a vida no centro da valorização, constroem outra mirada para a economia desde seus corpos, desde o cotidiano, que constroem feminismos antihegemônicos, contracoloniais a medida que não universalizam as vivências das mulheres e reconhecem desde seus lugares as interseccionalidades de gênero, raça e classe nos processos de exploração, rompendo com os discursos binários que situam a família nuclear heterossexual como norma e incluem outros modos de convivência, fazem uma leitura queer da economia (Orozco, 2014). A economia de cuidados é capaz de mudar as estruturas desse sistema perverso cujo mercado é o epicentro com sua lógica androcêntrica e antropocêntrica que dita as regras de que vida merece ser vivida e inibe a responsabilidade coletiva de sustentação da mesma.

E se tem algo que me revolta são homens adultos que se negam ao trabalho de cuidado e continuam insistindo em ter uma mulher para realizá-los “senão cai a mão”, como dizia minha avó ao criticar os netos que não tiravam os pratos sujos da mesa após o almoço. Todo o sistema capitalista ignora que são as mulheres que mantêm a máquina funcionando e que por trás de todo homem com emprego, há uma mulher em casa cuidando do seu bem-estar, e quando não são as mães, as tarefas sobram para as companheiras, namoradas, esposas, empregadas domésticas que recebem os piores salários, como aponta estudos de Carneiro (2019) e as donas de casa que nem salário recebem, pois fazem com amor.

Por isso, um pouco em meio a revolta, mas também em meio a sentimentos de alegria ao poder pesquisar com mulheres diferentes, e poder ter outra dimensão do que o cuidado é capaz de proporcionar, eis aqui uma carta pra te dizer que isso não é tudo! Eu não posso contar muito aqui, mas isso é um pequeno relato do que tenho feito ultimamente intercalando momentos fechados no meu quarto em meio a leituras, meditações e trabalhos comigo mesma de absorver as informações dos estudos e momentos perambulando por outras casas e outros territórios e comunidades, absorvendo e entendendo as

diferenças e meu lugar nestes contextos todos. O trabalho comigo mesma foi imenso ao me deparar, me culpar e sentir vergonha por pertencer a uma cultura que não valoriza o que as mulheres fazem sim com amor, um amor que é explorado no ocidente, pois o fardo está em nossas costas quando o capital evita pagar pelas enormes quantidades de serviços sociais pelos quais somos responsáveis, pois determinam que é nosso destino biológico, como nos alerta Federici (2019) e fazer o capital pagar, cobrar salários pelos trabalhos de cuidado é nos recusar a ocupar esse lugar “natural” na divisão social de tarefas produtivas e reprodutivas. No entanto, salário não como fim em si, não se trata de tornar o cuidado rentável como tudo é no sistema capitalista (Comitê invisível, 2018), mas de fazer um meio para derrubar a exploração.

Já contei pra várias pessoas que o cuidado me interessa, mas sobretudo o cuidado como potência política de criação de intercâmbios de vida, como estratégia revolucionária e por isso minha pesquisa se trata de formar alianças com mulheres de outras culturas, conhecendo outras epistemologias, como as mulheres de comunidades indígenas, quilombolas, trabalhadoras e periféricas, construindo diálogos capazes de criar espaços de convivência para pensar os cuidados em deformação de como ele é tratado na cultura ocidental e mostrar que a saída é pelo coletivo.

A escolha por esse tema tem bastante influência em duas histórias que minha avó materna contava, sobre alianças entre vizinhas e alianças na floresta. Floresta é sobre relações e a relação das histórias, a relação das mulheres são fundamentais para que o amor dite as regras na luta contra as desigualdades e violências. Organizar-se verdadeiramente é se amar (Comitê invisível, 2018). Que façamos uma tecnologia da convocação (Despret, 2021), pedindo licença aquelas que estão conosco e também que não estão nos inspirando nos ensinamentos, nos cheiros de café passado de manhã de nossas abuelas, mães, vizinhas, comunidades, e façamos o cuidado ser experimentado desde outro lugar, algo digno de respeito e tarefa de toda sociedade.

Mas a língua afiada necessita ainda de espaço para um ultraje: Malvado, mesquinho, machão, explorador, indolente, bicho ruim, detestável, desagradável, abominável. Lave suas cuecas! Engula sua masculinidade e pague sua mãe. Engula seu orgulho e cuide da sua mãe. Estou Procurando o endereço de torturadores e exploradores dos cuidados para botar na minha ode a língua afiada.

Não terão perdão!

Rafaela Mezzomo Contessotto

DAS MONTANHAS DAS VERTENTES, FINS DE JULHO DE 2023

Val e Gimu, amores da vida
gentes das mais importantes
duas pérolas, artistas

Vestido de amarelo de Osun, paredes amarelas também, sol de inverno das vertentes, ao som de Benito de Paula, escrevo com muito amor esta carta como resposta a uma

“piada interna” de vocês que sempre dizem não entenderem o que eu escrevo. Seria eu um estranho acadêmico desses que usa algum idioma inventado, inacessível ao mundo “dos mortais”, porque sou um pesquisador da universidade? Tenho brigado comigo mesmo, na universidade colonizada (Grossfoguel, 2016), para exatamente ser o contrário e esta piada de vocês me ajuda a pensar nesta briga infinita.

Eu já cozinhei tanto para vocês, né? Os cremes de milho na república de Osasco, quando eu era um estudante de Psicologia no interior, fazíamos na maior panela da casa, uma de pressão, para poder comermos todo mundo, ouvindo Björk gritando que era um terrível acidente de carros. Quando eu cozinhou, vocês eram, como ela, as espectadoras. Com aquele inglês quase incompreensível, ela se fazia entender, com aquela estranheza que não se parece com nada fácil de associar. O milho em lata era o que podíamos pagar no mercado da esquina, o macarrão da pior qualidade. Aguentávamos a espera com um salgadinho amarelo qualquer, trazido no ônibus, lá de São Bernardo, pela Val e o combinado era que eu não lavaria a louça.

Explicar para vocês, nesta carta, o que eu estudo, é como cozinhar. Tenho defendido que pesquisar na academia seja como cozinhar, descobri isso há pouco tempo também, foi um insight muito especial, mas eu já vinha intuindo isto há muito tempo. Gimu, eu não entendo tudo de suas músicas com ruídos. Val, eu nem sempre entendo suas bonecas.

Assim, a gente vai se entendendo, sem entendimentos “completos”. Tenho cozinhado isso em mim. Descobri que minha “missão” – e isso tem a ver com o convívio com vocês, artistas que admito tanto! – é cozinhar em todos os lugares. Se sou pesquisador hoje, cheguei a um doutorado – o primeiro de toda a minha família extensa! – é para isso. Cozinhar a academia. Cada coisa destas que eu cozinho, os ingredientes, nem sei tanto se importam muito sabe? É como os ruídos das músicas ou as massas de modelar nas caras das bonecas, entende?

É para sentir o cheiro, olhar a cor, correr dos significantes, das interpretações. Penso mesmo que é um jeito que é pensamento de fronteira de Gloria Anzaldúa (Anzaldúa, 2005). Gimu e Val, quantas vezes atravessamos as fronteiras? Quantos encontros na Praia da Costa? E como somos diferentes, não é? Eu mergulho nas águas geladas, Val é a que reina nas areias fofas e Gimu nos observa de longe. Temos uma paixão distinta do mar, cada um de nós. Convivemos entre nós, tanta diferença, tanta produção de vida, tanta amizade. Como diz o Foucault, naquela entrevista, sobre uma política de amizade (Foucault, 1981) que se dá num modo que se distingue das normas. Nossa amizade nunca teve normas e inclusive já ficamos quase-inimigos.

Somos nômades da amizade.

Toda esta enrolação cheia de drama para dizer o seguinte: eu cozinho a academia e o que eu pesquiso é o que é diferente, o que é da fronteira, o que não se propõe igual. Em bando (porque me junto com um grupo de pesquisa formado por um monte de gente muito diferente, mas que tem a mesma intenção – ou quase a mesma) estudamos tantas coisas que já talvez nem saibamos tão bem. Nos interessa o que é dissidente, nos interessa mulheridades, masculinidades, sexualidades, corporeidades, gerações, povos, nos interessa a arte. Nem temos a mesma formação acadêmica e nem somos da

mesma geração. O que tenho feito é cozinhar tudo junto que esse bando traz. Coloco um leite e coco, um coentro, uma pimenta.

Comecei com a moqueca (Guimarães, 2019) a entender isto, mas penso que o primeiro cozimento não foi este, foi o pão da minha avó, que minha mãe assou para a gente fugir da fome e eu o vendia de porta em porta. O pão que é também uma rosca frita se a gente quiser. Esse modo de fazer ancestral se transformou nos nossos encontros, Gimu e Val, em yakisobas depois da praia no apartamento do Gimu, com os ingredientes comprados com o vale alimentação da Val e com as minhas mãos mexendo rapidinho os legumes com o macarrão instantâneo.

Tenho saudades de estar com vocês, nós três. Nada de telas de computador, mas em volta de panelas. Eu prometo que vou tentar de novo explicar minhas pesquisas e as do meu bando, porque esta carta deve ter ficado incompreensível uma vez mais e podemos fazer uma outra receita diferente, ouvir “Não está sendo fácil” ou assistir a algum vídeo dos anos 1980 porque agora temos Youtube para ajudar. Pode ser perto do mar ou aqui nas montanhas ou mesmo na Selva de Pedra onde nos encontramos há trinta anos, onde “nasceu” essa nossa política de amizade.

Com muito amor, espero pelo nosso próximo encontro. A gente pode moquecar, tocar um teclado, cortar um pedaço de tecido. A gente pode filmar, porque uma coisa que tenho experimentado recentemente no meu trabalho é algo que já fazíamos há tanto tempo: filmar. Começamos com o VHS. Aprendi que é complicado ser um pouco profissional do audiovisual, tem que aprender a língua do roteiro, saber lidar com imagem, som, tanta coisa... Quem sabe a gente se ajuda nisso, sai com a câmera na mão e uma ideia na cabeça, em trio, em bando, sendo o que sempre desejamos ser: livres.

Um beijo desde as Minas Gerais
Amo vocês,
Rafa

REFERÊNCIAS

Anzaldúa, G. E. (2000). *Interviews*. Keating A. L. (Org), Routledge, NY.

Anzaldúa, G. E. (2000) Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas*. (pp. 229–236). Florianópolis, v. 8, n. 1.

Anzaldúa, G. E. (2021) *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro, RJ: A bolha.

Anzaldúa, G. E. (2016). *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza*. Trad. Carmen Valle Simón. Madrid, ESP: Capitán Swing.

Anzaldúa, G. E. (2005). *Como domar uma língua selvagem*. Cadernos de letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa (pp. 297-309), nº39. Disponível em: [15-anzaldua!ü_como-domar-uma-lingua-selvagem.pdf](#) Acesso em: 15 de julho de 2023.

Anzaldúa, G. E. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. *Estudos Feministas*. (pp. 704-719). Florianópolis, v. 13, n. 4.

Arias, P. G. (2010). *Corazonar: una antropologia comprometida con la vida*. Quito: Ediciones Abya-Yala.

Baldin, T. (2016). *Velhice e Institucionalização: cenas da vida no abrigo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Estudos da Subjetividade – do Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. p. 123.

Benjamin, W. (1987). *Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Bona, D. T. (2020). *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie.

Carneiro, S. (2019). *Escritos de uma vida*. São Paulo, SP: Pólen Livros.

Comitê Invisível. (2018) *Motim e Destituição agora*. (2ª edição), São Paulo, SP: n-1 edições.

Cusicanqui, S. (2022). *Diálogo Silvia Rivera Cusicanqui y Silvia Federici*. 2021 [Canal Interstício Visual]. Disponível em: <https://vimeo.com/335774684> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

Despret, V. (2021). Pesquisar junto aos mortos. *Campos – Revista de Antropologia*. v.22 N.1. pp 289-307. Disponível em: [Pesquisar_junto_aos_mortos\(1\).pdf](#) Acesso em: 19 de julho de 2023.

Dollis, N. (2018). *Nokê mevi revósho shovima Awe*: O que é transformado pelas pontas das nossas mãos. (pp. 23-36). *Campos*, v. 19, n. 1.

Dornelles, D. (2021). Palavras germinantes – entrevista com nego bispo. *Identidade* (pp.14-26) v. 26, n. 1 e 2.

Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Trad. Coletivo Sycorax – São Paulo, SP: Elefante.

Fernandes, E. R. (2019). *Existe índio gay?* A colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Editora Brazil Publishing.

Foucault, Michel. (1981). *De l'amitié comme mode de vie*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet & J. le Bitoux. (pp. 38-39), publicada no jornal Gai Pied, n. 25, Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

Grossfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, (pp.25-49). v. 31, n.1.

Guimarães, R. S. (2019). Esta moqueca (me) descoloniza. In: Lessa, P.; Stubbs, R.; Bellini, M. (Orgs.) *Relações interseccionais em rede: feminismos, veganismos, animalismos* (pp. 152 - 164). Salvador, BA: Devires.

Guimarães, R. S. & Braga, C. (2019). Ruídos anti-hegemônicos na música brasileira contemporânea: dissidências sexuais e de gênero. In: Colling, L. (Org.). *Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*. Salvador, BA: EDUFBA.

hooks, b. (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo, SP: Elefante.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em 21 de jul. 2023.

Kilomba, G. (2015). *While I Write. The Desire Project*. Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/UKUaOwfmA9w>>. Acesso 24 jul 2023.

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo, SP: Companhia das letras.

Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. (pp.935-952) v. 22.

Marçal, K. (2017). *O lado invisível da economia: uma visão feminista*. Tradução Laura Folgueira. Editora Alaúde.

Mott, L. (1994). *A inquisição no Maranhão*. Revista Brasileira de História.

Orozco, A. P. (2014). *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Traficantes de sueños.

Ravagnoli, N. C. S. R. (2018). A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. *The Specialist*, Vol. 39 No. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i3a2>. Acesso em 19 de jul. 2023.

Segato, R. L. (2012). *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. e-cadernos CES. (pp. 106-131).

Simonian, L. T. (1994). Mulheres indígenas vítimas de violência. *Cadernos do NAEA* (pp.101 -141). v. 12.

Vitorino Brasileiro, C. (2022). *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo, SP: n-1 edições.